

Old. Lil ~~Exato~~ e nota do index

CABRAL, Isabella; AMARAL REZENDE, M. A. **Hermelindo Fiaminghi**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998, pp. 11-14 ^{12; 11}

Obs: retirei as notas do texto. Ver. Ponderar se entrará o texto na íntegra.

Haroldo de Campos
São Paulo, abril de 1996

Apresentação

De repente, dei-me conta de que nunca escrevi um texto sobre o Fiaminghi! E, no entanto, desde os anos 50, quanto representou para mim, para os meus companheiros de aventura concreta a presença firme do Fiam (jovem então, hoje venturosamente vetusto nos seus setenta e seis bem vividos anos). O Fiam, que sabia tudo de litografia e artes gráficas, que tinha um olho certo para a cor e a contracor, que lançava retículas na tela como um pescador lança a rede no mar ensafirado. O Fiam, sem cujo tirocinio tipográfico não teriam sido possíveis os poemas-cartazes-quadros de *Noigandres*, no arranjo visual com que figuram na *I Exposição Nacional de Arte Concreta* (MAM, São Paulo, dezembro de 1956 – faz quarenta anos!); sem o qual não haveria a esplêndida capa serigráfica (matriz recortada por sua mão segura) do número 4 (1958) da revista-livro *Noigandres* – mostra portátil de poemas, álbum propositadamente anônimo em que perseguimos (Augusto, Decio, Ronaldo e eu) o ideal mallarmaico da “abolição elocutória do eu” – fase geométrica, fase “heróica”, da “matemática da composição”: o Mallarmé da “geometria do espírito”, o Lautréamont do elogio às matemáticas; o Pound da “poesia-matemática inspirada”; o lecorbusieriano engenheiro João Cabral nada teriam a opor ^{quanto} ao conceito, que irritou o subjetivismo surreal-expressionista dos “cariocas” e os levou a apor um *neo* ao concreto e a se embevecer de tal forma por ele que, de repente, se esqueceram (os críticos discipulares que os promovem, sobretudo) de que um *neo*, como todo prefixo, só existe em função do substantivo – da substância – que, como partícula de um todo, prefixa.

Sem o Fiam também não existiria o maravilhoso *layout* do meu *Xadrez de Estrelas* (Perspectiva, 1976), em que já começa, em carminadas retículas, a sua fase dos “desretratos” (se jamais escrevi sobre o mestre-pintor, pelo menos dei o batismo a essa fase de seu trabalho, como também ao momento fugaz, mas relevante, dos amáveis “casulíricos”: casulos líricos para Corluz).

Mas já que toquei no assunto polêmico, voltemos a ele. Justo, justíssimo, o prestígio, nacional e internacional, de que hoje gozam os artistas-pintores *neococoncretos*. A dita poesia *neo*, diga-se de passagem, praticamente não existiu: começou, entre outros ingredientes, com junguianas místicas spanudescas – o Theon (Neon Paludis), que nos criticava, aos poetas, por estarmos sob a influência supostamente deletéria do marxista gramsciano italo-brasileiro Waldemar Cordeiro; ^{desagou}, pouco tempo depois, em acordes caritativos e frustos de arrabecados violões-de-rua.

~~Fui amigo pessoal e correspondente de Hélio Oiticica~~

Exato
[completo]
fluro 1
contribuim
nota